
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Revista
Didática Sistemática

SEMESTRAL

ISSN: 1809-3108

Volume 7, janeiro a junho de 2008

**DESENVOLVIMENTO TÉCNICO E ESGOTAMENTO DO MEIO:
A PESCA INDUSTRIAL COMO NÊMESE DO PESCADOR ARTESANAL**

Maicon Dourado Bravo¹

RESUMO

Historicamente presente numa região onde a pesca se configura como uma das atividades econômicas principais, São José do Norte, como outros pontos da Laguna dos Patos, experimentou uma transformação de modos de agir e pensar a natureza ao longo deste século XX. Da pesca artesanal e familiar à pesca industrial e nociva, os nortenses viram deixar de existir a abundância de peixes em seu meio. Por meio de interpretações e o uso do método da História Oral, se consegue vislumbrar o potencial perdido com o emprego de técnicas modernas e massivas de exploração do meio e a conseqüente morte da pesca industrial.

Palavras-Chaves: Crise, Natureza, História de Vida, Pesca.

ABSTRACT

Historically present in a region where the fishing form itself an main economic activity, São José do Norte, as others points of the Laguna dos Patos, suffered a transformation in its ways of acting and thinking the nature along the 20th century. From the craft and familiar fishing to the industrial and harmful fishing, the nortenses seen disappear the plenty of fishes in their environment. With the use of the interpretations and the use of the Oral History method, the searching succeeds to glimpse the lost potential with the application of modern and massive techniques of environment exploration and the consequent death of the industrial fishing.

Keywords: Crisis, Nature, Life History, Fishing.

¹ Bacharel e Licenciado em História pela FURG, Especialista em Rio Grande do Sul: Sociedade, Cultura e Política. E-mail: maiconbravo@yahoo.com.br.

Introdução

São José do Norte atualmente é uma cidade que desfruta do pouco agradável e intenso êxodo rural, muito embora há cerca de 40 anos ocupasse o destacado lugar de maior produtor de cebola brasileiro, ostentando o título de “Capital Nacional da Cebola” (Wyse, 2000, p.62). Ao lado da exportação da monocultura da cebola, a pesca representou grande destaque na economia do município até aproximadamente 1985, tendo o seu auge a partir dos anos 1960.

Definitivamente, de acordo com Rosângela Wyse, a atividade industrial nortense se divide em três períodos, a dizer o Período de Organização Industrial (que se estende de 1940 a 1965), o Período de Consolidação e Auge (de 1965 a 1985) e o Período de Término das Atividades (1985 a 1995). A transição do primeiro ao segundo período é vivenciada por apenas uma indústria dentre as dez instaladas no princípio da pesquisa, e isso marca muito mais do que uma mera substituição dentro do mercado, posto que as atividades realizadas continuaram as mesmas. O que se nota é a não adaptação e a superação técnica desenvolvida entre as indústrias em São José do Norte.

Em se tratando de uma atividade extrativa, a maior produção anual significa, caso não se tenha em mente a preservação da atividade numa perspectiva futura, a extinção da mesma, o consumo por completo da natureza e a ruptura nos processos naturais de maturação e reprodução do peixe.

De acordo com o Sr. Hugo, colaborador que participou diretamente das atividades industriais durante o primeiro período, o desenvolvimento técnico que oportunizou a maior exploração pesqueira na Lagoa dos Patos foi o fator preponderante para a débâcle da pesca nortense. Dentre as várias safras que se costumava ter, como a tainha, o bagre, a corvina e a miragaia, com resultados excelentes e uma postura diferenciada frente a natureza, poucos reflexos se consegue vislumbrar, se algum, atualmente.

O que, dentro da subjetividade do colaborador, representou o princípio da crise econômica na cidade, em termos de produção e comercialização foi o ponto a partir do qual se operou uma mudança na forma de exploração do meio e da mão-de-obra e o auge industrial na cidade. Um modelo de desenvolvimento artesanal foi desbancado pela indústria e o que por um determinado período representou desenvolvimento e progresso, hoje se mostra como prejudicial e nocivo para a própria economia outrora promovida.

Cabe por enquanto tentar compreender como se deu a estruturação da atividade pesqueira no município de São José do Norte.

1. Referencial histórico da pesca na cidade

Historicamente São José do Norte é disposta às margens da Lagoa dos Patos devido a dois fatores principais: o uso do canal como entreposto para embarcações que vinham de outros locais com o porto do Rio Grande, e a atração pela pesca². Interessa particularmente nesse momento este último, pois que se verifica como atividade produtiva mais duradoura desde a instalação do município.

A Lagoa dos Patos, e o oceano Atlântico por extensão, é de tal forma presente no imaginário dos nortenses que dois de seus principais cultos e celebrações religiosas se dão em torno de águas: as tradicionais Festa dos Navegantes e homenagem a Iemanjá. Sobre isso, temos que

[...] o culto a Nossa Senhora dos Navegantes está ligado a uma das principais expressões do cotidiano das populações, que é o convívio com a lagoa e o oceano como formas de sobrevivência e como projeção dos limites e possibilidades. (Torres, 2000, p.60)

Relato bastante detalhado sobre a pesca tanto de oceano quanto de lagoa foi feito por Bunse na década de 1950. Este pesquisador expõe o ciclo da pesca de arrastão de praia e das parselhas da lagoa de modo a deixar transparecer o caráter artesanal destas atividades. De acordo com Bunse os pescadores no oceano

[...] vêm de longe; trazem as canoas e os apetrechos de pesca num caminhão e estabelecem-se num ponto do litoral em ranchos mais ou menos primitivos. Pescam durante todo o ano, ora neste, ora naquele ponto do litoral; colocam a canoa no caminhão e dirigem-se para onde a praia oferece melhores condições para a pesca. (1981, p.81)

A pesca dentro da lagoa, no entanto, tem um caráter mais organizado e coordenado, ainda que à época de Bunse apresente características artesanais. A Colônia de Pescadores Z2, instalada desde 1922 na cidade, é o referencial desta dita organização. Bunse oferece uma explanação sobre as parselhas de pesca na lagoa, indicando que

[...] cada [parselha] constituída de dez a vinte homens e um dono de parselha. Vivem em *acampamentos*, localizados na chamada praia do Norte. Um acampamento é constituído de casas de morar: ranchos com *beliches* para dormir; um galpão que serve de cozinha e refeitório e o *galpão de guardar rede*. (1981, p.86).

Deste processo de captura do peixe realizado principalmente através de embarcações movidas a remo, algumas a motor de popa, se direcionava o produto pescado às salg

² Sobre a formação da vila de São José do Norte, consultar BUNSE, 1981; GAUTÉRIO, 1997 e TAGLIANI, 2000.

existentes na cidade. Ali seriam escalados, limpos e salgados para posterior embalagem e comercialização. Mas nos próprios locais de pesca, nas parelhas, também se realizava o beneficiamento do peixe, sua salga e comercialização.

À época que Bunse realiza sua pesquisa Rosângela Wyse categorizou como o primeiro período de atividades industriais: organização industrial em São José do Norte, marcado principalmente pela produção de pescado seco-salgado e trabalho artesanal (Wyse, 2000, p.40). Sete empresas que operavam na cidade tinham como principal atividade a manufatura do peixe capturado pelas pescas de arrastão e parelhas.

No entanto inevitáveis transformações se operaram na economia nortense a medida que mudanças e oportunidades foram surgindo nos contextos local e nacional. A proibição de salga do peixe à beira-mar que era feita por pescadores oportunizou a instalação de novas manufaturas, que não conseguiam implantar sua hegemonia laboral com a concorrência nos locais de pesca; e os subsídios fornecidos pelo estado através da SUDEPE para multiplicação de indústrias pesqueiras por todo território nacional foram apenas dois dos pontos levantados por Wyse para indicar a transição do período de organização ao período de consolidação e auge da atividade industrial na cidade.

Ganha destaque neste período a Companhia Nacional de Frigoríficos (Confrio), que marcou a ruptura da prevalência dos modos de produção artesanais na pesca e a introdução da pesca industrial. Não produzia mais peixe seco e salgado; trabalhava agora com peixe congelado e filés de peixe. Não era abastecida por pesca de arrastão ou parelhas, mas por barcos de grande porte próprios (Wyse, 2000, p.45).

Muito embora o peixe salgado se mantivesse até a década de 1970, os processos industriais e técnicos que oportunizaram o congelamento do peixe prevaleceram até os anos de 1980 e 1990, e um quadro de mudança tomou corpo no que se referia à economia nortense que experimentava, até 1985, um desenvolvimento até então nunca visto. A transformação nos modos de produção e de relação com a lagoa continham, paralelo à riqueza conseguida em pouco tempo, o germe de sua derrocada, e o desenvolvimento técnico foi em grande parte responsável por isso.

Testemunha desse processo foi o Sr. Hugo³, nascido em 1921, que presenciou diretamente os três períodos da atividade industrial na cidade. Participou mais ativamente do período de organização, como elemento de ligação entre as atividades em São José do Norte e a gerência em Rio Grande de uma das primeiras firmas a se instalar na cidade.

³ Sobre o testemunho do Sr. Hugo consultar BRAVO, 2007.

O trabalho com o peixe era, de acordo com o Sr. Hugo, não a mais lucrativa, mas a mais abrangente atividade das empresas na cidade, visto que a cebola, principal produto exportado, contava com uma única safra, enquanto que diferentes tipos de peixe ocupavam os pescadores durante o ano todo. Temos que, dentro da lagoa a pesca por parelhas contava nos meses de maio e junho com a tainha, julho a dezembro o bagre, durante o mês de novembro a corvina, e a miragaia esporadicamente. A própria ordem de pesca era estabelecida de acordo com a saída do peixe da lagoa, principiando por Capivaras e Passinho, localidades mais ao norte da sede do município, e passando pela praia do Norte, Cocuruto e Barra.

A descrição que o Sr. Hugo dá sobre a manta da tainha reflete um pouco os motivos pelos quais tantas indústrias pesqueiras ocuparam a região para se instalar:

[...] naquela época um pescador dava um lance quando via a manta – manta de tainha que se chamava, parava o mar, o mar revoltado, aonde vinha a manta ficava sereninho, porque era uma camada – um lancezinho na beirada dava 50, 60 toneladas... um pescador pegava 50, 60 toneladas de tainha. [...] Então quando o vigia gritava para a parelha que vinha uma manta de tainha, você que nunca conheceu, que era leigo nesse assunto, mas olhava e enxergava, qualquer pessoa enxergava a manta de tainha, porque o mar ficava denegrido, 500 metros de largura, de extensão dos lados alcançados.

O próprio aporte que os pescadores davam levava em consideração a imensa quantidade de peixes pois “[...] de tanto que era que não podia meter a rede no meio da manta, se metesse rebentava a rede, rebentava tudo”.

O Sr. Hugo dá a descrição de uma pesca abundante e fantástica, tanto na lagoa quanto no oceano “[...] ao ponto de um lance [...] dar cinco caminhões de peixe”. Realmente, “[...] não é brincadeira uma parelha pegar 70, 80 mil quilos de tainha, a outra, há 100 metros adiante, pegar outros 50, 60”.

No entanto tal período encontrou seu fim ao se passar a explorar intensivamente a pesca na lagoa e no oceano. Os períodos de pujança e ricas safras de peixe acabaram com a aplicação da lógica de mercado capitalista à pesca na região.

2. Técnica e esgotamento

De acordo com Rodrigo Duarte, interpretando Karl Marx, “[...] os valores de uso são objetos para a satisfação de uma carência humana determinada e estão ligados às propriedades naturais das coisas”. Pensando em São José do Norte e na pesca, somos levados a lembrar os motivos pelos quais se foi instalada a cidade às margens da lagoa. A procura pelo peixe como objeto de satisfação das necessidades de alimentação da população que se instalara foi o

germe da exploração do pescado para fins comerciais, ou as bases para o consumo produtivo (Duarte, 1995, p.70).

Não que se tenha desenvolvido um processo de pesca singular na região, mas São José do Norte passou por diferentes etapas de desenvolvimento técnico na pesca que culminaram com o abandono por completo da atividade industrial que utilizava o peixe como matéria-prima.

Desde a pesca artesanal pré-motor de popa vivenciada pelo Sr. Hugo, não categorizada por Wyse muito provavelmente por ser atividade familiar e de consumo local, até a pesca de traineiras e os grandes frigoríficos que chegaram a empregar cerca de 1500 funcionários, mudanças drásticas se deram no processo produtivo, o que acabou por ocasionar a falência de empresas despreparadas e a prevalência daquelas que dominavam os novos recursos técnicos.

A derrocada de empresas do primeiro período de Wyse passa pelo abandono do modo de produção artesanal. Neste, o peixe era trabalhado quase que completamente por meio de manufatura, sendo inclusive as caixas preparadas por processo manual e que dispunha de mão-de-obra infantil. A absorção de matéria-prima era limitada e o produto final não era de menor qualidade.

Com a ascensão dos frigoríficos e a introdução da mecanização no processo de industrialização do peixe se eleva o ritmo de produção e a durabilidade do produto, que agora passa a ser congelado. Também se aumenta a capacidade de absorção de matéria-prima, que antes contava com a atividade dos pescadores artesanais. Agora essa pesca de parelha não mais se adequa ao modelo vigente, é necessária uma exploração mais intensa do peixe para que se possa produzir mais.

Conforme Duate:

[...] a expressão “tempo médio socialmente necessário” tem um significado preciso, que introduz também a relação da natureza com o valor: o tempo gasto na produção de uma mercadoria depende da força produtiva do trabalho empregado em sua confecção, dada pelo estágio de desenvolvimento das formas de os homens se relacionarem produtivamente com a natureza e entre si mesmos, ostentado por uma sociedade determinada”. (1995, p.74)

A ilusão de oferta de trabalho e desenvolvimento econômico introduziu um novo modo de perceber a natureza, agora não mais como força indomável e selvagem, da qual se necessitaria para sobreviver e exigia uma abordagem cuidadosa e parcimoniosa, quase sagrada, se quisesse obter resultados positivos, como na pesca da manta de tainha. Como referencia Marx,

[...] a natureza torna-se pela primeira vez puro objeto para o homem, pura coisa de utilidade; cessa de ser reconhecida como uma potência em si mesma; e o conhecimento teórico de suas leis autônomas surge ele próprio como astúcia para submetê-lo aos carecimentos humanos, seja como objeto de consumo, seja como meio de produção. (apud Duate, 1995, p.83)

O que até então se realizava obedecendo o ritmo da natureza, capturando o peixe quando de sua saída da lagoa após a desova, agora não respeitava tais ritmos. A postura frente ao meio mudara, e era a superexploração que contava. As indústrias frigoríficas introduziram a lógica do capital na pesca da região e investiram pesadamente em logística e frota, sendo que a indústria Moura de acordo com Wyse (2000, p.49) contava com “40 caminhões frigoríficos, diversos barcos industriais e câmaras frigoríficas”.

A introdução de técnicas de pesca mais nocivas e abrangentes contribuiu para a atual conjuntura da lagoa. O arrasto em profundidade causa danos irreparáveis e não diferencia espécies em sua captura.

Com a preocupação em produzir e lucrar se deixou de lado o interesse em manter as espécies intactas e possibilitar sua devida reprodução. Mais uma vez citando Marx temos que “[...] a produção capitalista só desenvolve, portanto, a técnica e a combinação do processo social de produção na medida em que mina, ao mesmo tempo, as fontes originárias de toda riqueza: a terra e o trabalhador”. (apud Duarte, 1995, p.86)

A superexploração da pesca subsidiada pelo Estado através da SUDEPE ocasionou a extinção da pesca industrial na região e a quase derrocada da pesca artesanal no interior da Lagoa dos Patos. Tanto que em períodos de maior crise traineiras de pesca em alto mar se posicionam à boca da barra para esperar o peixe entrar para desovar, capturando-o ilegalmente e contribuindo para o total desaparecimento de espécies na que já foi outrora considerada a lagoa mais piscosa do mundo aos olhos do Sr. Hugo.

Bem coloca Engels quando indica que “[...] quanto mais os homens se afastam dos animais, mais sua influência sobre a natureza adquire um caráter de uma ação intencional e planejada cujo fim é alcançar objetivos projetados de antemão” (In Antunes, 2004, p.26), mas em seguida adverte

[...] Não nos deixemos dominar pelo entusiasmo em face de nossas vitórias sobre a natureza. Após cada uma dessas vitórias, a natureza adota sua vingança. É verdade que as primeiras conseqüências dessas vitórias são as previstas por nós, mas em segundo e em terceiro lugar aparecem conseqüências muito diversas, totalmente imprevistas e que, com freqüência, anulam as primeiras. (p.29)

Ao alienar o pescador do produto de seu trabalho, depositando o valor na sua venda ao frigorífico, se coisificou a lagoa e se ignorou as necessidades imanentes de sua manutenção. O pescador deixou de saber respeitar o meio para passar a explorá-lo inconseqüentemente. Como Foster indica, “[...] o sistema da propriedade privada capitalista [...] surge através de qualquer conexão direta entre a massa da população e a terra [...] a separação entre o trabalho livre e as condições objetivas de sua realização” (2005). O pescador artesanal familiar perde lugar para a frota de traineiras e se torna empregado do frigorífico.

A introdução de técnicas de pesca e industrialização do pescado na região, então, representaram o germe de seu próprio fim e a aniquilação do pescador artesanal, muito embora a trancos e barrancos, alguns consigam sobreviver completamente fora de qualquer circuito econômico de pesca industrial e sirva para no máximo obter alguns trocados ao vendê-lo nas esquinas.

Considerações Finais

O avanço técnico, que por vezes pode ser traduzido como o domínio do homem sobre a natureza, a civilização sobre a barbárie, erroneamente considerado como desenvolvimento, sob a lógica do capitalismo se torna uma poderosa arma de destruição e submissão. No caso da pesca em São José do Norte o avanço técnico significou também, paralelo à acumulação rápida de lucro na mão dos capitalistas, o enfraquecimento da pesca artesanal e familiar, subsidiado pelo Estado.

Infelizmente a atividade artesanal não resistiu à exploração dos frigoríficos, e famílias de pescadores tiveram de deixar de lado suas aptidões para ingressarem na rotina massificante do trabalho de fábricas. A visão do Sr. Hugo, de pescarias fartas e abundância, de a Lagoa dos Patos como um “viveiro de peixes”, ficou para trás, guardada na memória e recriada na narrativa.

O interesse no lucro defendido por empresários de locais distantes impactou de forma irreversível a vida do grupo, pois que “[...] os capitalistas individuais, que dominam a produção e a troca, só podem se ocupar da utilidade mais imediata de seus atos. [...] Mesmo essa utilidade passa inteiramente ao segundo plano, aparecendo como único incentivo o lucro obtido na venda” (Engels in Antunes, 2004, p.33). Não houve preocupação em preservar a reprodução das espécies, visto que não se tratavam de indivíduos inseridos no meio em que atuavam. Como Wyse bem lembrou as maiores firmas instaladas na cidade eram filiais, e tinham sua sede em São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

Sendo assim, se confirma o colocado por Engels, que indica ser o planejamento do ser humano parcial e limitado, uma vez que não conta com as inúmeras variáveis de reação às transformações que impõe ao meio. Talvez no caso da pesca fossem óbvios os resultados da superexploração, mas o afã do lucro e a mudança de postura frente à natureza cegou a população local para os riscos que corriam.

Hoje temos os reflexos destas atividades impensadas e mal-planejadas, como no depoimento do Sr. Hugo, que reconhece a pobreza pela qual passa a pesca na cidade. Raro hoje é observar quantidade de botes à frente da cidade colhendo redes ou arrastando em períodos de safra. Em sua maior parte os pescadores procuram alternativas à sua atividade, ou se empregando em Rio Grande, nas indústrias que conseguiram sobreviver à crise do pescado, utilizando os poucos recursos capturados pelos poucos perseverantes pescadores artesanais que continuam suas atividades, ou em outras iniciativas promovidas por grandes empresas que começam a voltar seus olhos para o município, trazendo novamente a sensação de falso desenvolvimento que empresas extrativistas e degradantes são capazes de oferecer.

Sem o interesse de oportunizar atividades econômicas que não venham a danificar a natureza, São José do Norte é vítima de uma miséria de espírito que só pode surgir dentre aqueles que são submetidos à maior miséria material.

Referências Bibliográficas

- BRAVO, Maicon Dourado. *Lugares de memória: subsídios para uma preservação patrimonial*. São José do Norte: APHAC-Norte, 2007.
- BUNSE, Heinrich A.W. *São José do Norte: aspectos lingüístico-etnográficos do antigo município*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto/IEL, 1985.
- DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. *Marx e a natureza em O Capital*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1995.
- FOSTER, John Bellamy. *A ecologia de Marx: materialismo e natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GAUTÉRIO, Dalila Marques. *Evolução urbana da cidade de São José do Norte*. Pelotas: UFPel, 1997.
- TAGLIANI, Paulo Roberto Armanini et al. *Arqueologia, história e socioeconomia da restinga da Lagoa dos Patos: uma contribuição para o conhecimento e manejo da reserva da biosfera*. Rio Grande: FURG, 2000.
- WYSE, Rosângela de Fátima Coelho. *A atividade industrial no município de São José do Norte no período de 1940-1995*. Rio Grande: FURG, 2000.